

Este terceiro número vem consolidar os esforços do conselho editorial da Revista Brasileira de Psicologia no sentido de publicar manuscritos originais, subordinados às diversas vertentes teóricas e moldados em consonância com os métodos consagrados de estudo e pesquisa na área de conhecimento da psicologia.

O presente número, uma vez mais organizado em duas seções, um dossiê, desta vez sobre o suicídio, e os artigos regulares, representam um retrato, ora algo sombrio, ora um um pouco perturbador, sobre a psicologia fomentada e cultivada no nosso país.

O dossiê sobre o suicídio é composto por uma apresentação e sete artigos. O esforço condutor dos vários artigos, tal como se depreende pela leitura da apresentação, impõe uma certa estupefação, se considerarmos quantas pessoas desistem de viver e se contentam com a experiência de procurar, com as próprias forças, dar fim à própria vida. Embora no nosso país as taxas de suicídio não representem indicadores assombrosos, como os encontrados em outros países, ainda assim trata-se de um problema que causa preocupação aos psicólogos e, como tal, o dossiê oferece um retrato daquilo que é objeto de discussões entre alguns dos nossos nomes mais representativos neste campo de estudos. O trabalho de Fukumitsu, Provedel, Kovács e Loureiro se dedica a conduzir uma cuidadosa análise bibliométrica dos artigos publicados nos últimos dez anos em nosso país, o que resulta num retrato bastante acurado da produção científica sobre o tema em nosso meio, indicando não apenas as principais tendências bibliográficas, como também um mapa abrangente das principais redes de pesquisadores que tem se dedicado a estudar de forma mais sistemática o assunto na última década. A leitura sugere que o número de artigos publicados sobre o assunto tem crescido substancialmente nos últimos anos, embora lamentavelmente que isto não tenha representado necessariamente a incorporação de um número significativo de novos pesquisadores no campo de estudos.

O artigo de Ferreira Jr., por sua vez, acena para os fatores econômicos, sociais e culturais que podem explicar as diferenças das taxas de suicídio e enfatiza a situação particular do Brasil, que se em geral apresenta indicadores de prevalência não muito altos, quando consideradas algumas particularidades, especialmente no que se refere aos números absolutos em algumas regiões e no crescimento consistente na taxa nas últimas décadas em todas as regiões do país, causa alguma preocupação. Estes indicadores, no entanto, devem ser considerados cuidadosamente, pois eles podem refletir os efeitos da subnotificação, bem como ofrem o impacto nada desprezível dos tabus fortemente associados ao assunto, conforme discutido no artigo de Marquetti, Kawachi e Pleffken, no qual se acentua as dificuldades encontradas e a importância da identificação de sinais precoces para uma melhor estratégia de prevenção do comportamento suicida.

Ainda segunda a perspectiva da prevenção do suicídio, o artigo de Teng e Pampanelli apresenta algumas reflexões sobre o trabalho na área da psiquiatria e acentua os temores e a sensação de impotência que se acerca do profissional face ao paciente psiquiátrico que decide acabar com a própria vida. Esta preocupação está fortemente associada a indicadores estatísticos de que um diagnóstico de algum quadro psiquiátrico se encontra subjacente a cerca de noventa por cento dos casos de suicídio. A condição do suicida, em particular sua situação de desamparo existencial é analisada segundo a perspectiva da Daseinsanalyse no artigo de Fukumitsu, Pinheiro e Solomon, no qual se apresenta um caso no qual o suicídio pode ser interpretado como a saída que a pessoa encontra para enfrentar o isolamento existencial. O artigo de Rocha se depara com uma das faces menos discutidas do suicídio, que é a questão das condutas autolesivas, ou seja, as lesões sistematicamente autoinfligidas em que o agente pode ou não reconhecer como tentativa de suicídio. No capítulo conclusivo do dossiê, Kovács se debruça sobre a difícil questão do suicídio assistido e da morte com dignidade, sinalizando o intenso debate sobre o assunto e as consequências pessoais, sociais e midiáticas relacionadas com as questões bioéticas subordinadas à decisão de

procurar e encontrar uma morte digna.

Além do dossiê sobre o suicídio, este número apresenta quatro artigos em diversas áreas da psicologia. O artigo de Techio, Costa, Moreira e da Hora discute o tema da identidade baiana sob a perspectiva da teoria da identidade social. Em consonância com o postulado na teoria, uma das mais proeminentes no cenário da psicologia social atual, fica evidenciado uma avaliação positiva do endogrupo, um claro papel do senso de pertencimento e o uso acentuado de estereótipos positivos na construção da identidade baiana. Adicionalmente encontramos no texto uma discussão sobre o quanto a mídia reproduz de forma acurada a realidade e indica o quanto as representações negativas são ofuscadas pela autoafirmação da identidade positiva e por estratégias destinadas a manter em níveis altos a autoestima e o autoconceito.

Fundamentando-se nas contribuições de teóricos como Foucault, Deleuze e Ilich, o texto de Silva e Lima se dedica a discutir as sociedades de controle e disciplinar e denunciar os efeitos nefastos da institucionalização precoce. O foco de análise destitui o papel educativo e construtivo das creches e escolas e passa a tratá-las como instituições de sequestro, destinadas a inibir a criatividade e o desenvolvimento das potencialidades da criança. Trata-se, como podemos supor, de um argumento controverso e, como tal, sujeito a discussões. A conclusão do artigo se encaminha no sentido de sugerir novas possibilidades de utilização da escola, de forma a evitar que ela deixe de contribuir com a formação de uma aprisionada subjetividade capitalística e se transforme num espaço destinado a libertar a criança.

O artigo de Prado e Abrão, elaborado na vertente da historiografia da psicanálise, passa em revista a produção nacional de artigos sobre o tema da paternidade. Discute-se, numa perspectiva próxima a do psicanalista francês Jacques Lacan, o conceito de paternidade, levando em consideração a denominada metáfora paterna e o papel do pai como instância interdutora da relação imaginária entre a criança e a mãe, mediante a instauração da lei e da cultura.

O artigo de Barbosa e Carvalho analisa, a partir da clínica das psicoses, o atendimento oferecido pelos CAPS aos pacientes psicóticos. O artigo acena para as dificuldades concernentes a sustentação teóricas das atividades práticas e aponta a necessidade de se implementar equipes de trabalho multidisciplinares para fazer frente ao enorme desafio de oferecer uma assistência humanitária a pacientes com este tipo de sofrimento psíquico.

Considerados em conjunto, estes artigos refletem um pouco algumas das características da ciência psicológica conduzida no Brasil. Se temos, por um lado, uma perspectiva orientado por uma visão empirista, tal como se depreende no artigo subordinado à perspectiva da cognição social temos, por outro lado, um trabalho de caráter estritamente emancipatório, como o da institucionalização precoce. Aliado a isso, devemos reconhecer a importância de uma orientação metacientífica pragmática, que se reflete tanto nos trabalhos de base psicanalista, que em última instância está voltado para as preocupações com a atividade clínica, quanto no esforço de prestar uma melhor assistência aos pacientes psicóticos.

Marcos Emanuel Pereira  
Editor